



IX Congresso Nacional de Educação - EDUCERE
III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia
26 a 29 de outubro de 2009 - PUCPR

CHICO BENTO: A REPRESENTAÇÃO DO CAIPIRA NOS DESENHOS ANIMADOS

BENTO, Franciele¹ - UEM-PR
franb1981@hotmail.com

Eixo Temático: Comunicação e Tecnologia.
Agência Financiadora: Não contou com financiamento

Resumo

O presente texto é resultado parcial de pesquisas que envolvem a relação entre mídia e educação escolar, especialmente sobre o Cinema de Animação, um artefato midiático consumido por crianças, tornadas alunos. Os objetivos deste estudo são inventariar e analisar o processo de criação e difusão da personagem Chico Bento, bem como refletir sobre os aspectos ideológicos e educacionais presentes nos desenhos animados produzidos pela Maurício de Sousa Produções. Os filmes animados “Chico no shopping” e “Na roça é diferente” se configuram como fonte do estudo em questão. O referencial teórico-metodológico que subsidia este trabalho destaca teóricos que ampliaram as possibilidades de estudos e envolvem as categorias históricas do conceito de “caipira” veiculado pela mídia, de Cultura Escolar e de Educação do Olhar. Dentre os resultados obtidos, encontra-se uma caracterização estereotipada dos espaços urbano e rural, evidenciando uma distinção exagerada entre ambos. Não obstante, Chico Bento representa uma determinada cultura pouco conhecida pelas crianças do meio urbano, o que pode acarretar a elas uma ideia errônea a respeito das comunidades rurais. Considera-se que a escola é o lugar de desmitificação dos modelos apresentados pela mídia, no entanto, ela pode reforçá-los, por exemplo, se utilizar um desenho animado elencado por Chico Bento para retratar a vida e o homem do campo. Com base no exposto, nas considerações finais, aborda-se o papel dos profissionais da educação nesse contexto, os quais, acredita-se, precisam de uma educação do olhar, que pode possibilitar ao professor desconstruir os diversos aspectos imersos nas nuances dos desenhos animados, permitindo, desse modo, a realização de uma prática pedagógica enriquecida com o uso de recursos midiáticos/imagéticos de forma sensata e coerente. Até porque, não se descaracteriza os aspectos educacionais imersos nos desenhos animados, que contribuem para a sensibilização de temas geradores e para a construção da criatividade.

Palavras-Chave: Educação Escolar; Desenho Animado; Chico Bento; Educação do Olhar.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação pela Universidade Estadual de Maringá – UEM.

Introdução

Na sociedade contemporânea, permeada pelas Novas Tecnologias da Informação e Comunicação (NTIC's), as pessoas vivem “mergulhadas” no mundo da cultura midiática consequentemente, percebe-se a ascensão do audiovisual no ambiente escolar. Os alunos, particularmente das séries iniciais do Ensino Fundamental, chegam à escola “encharcados” de conhecimentos apropriados pelo contato com a mídia, particularmente, como telespectador de filmes do gênero Cinema de Animação². Não obstante, muitos professores utilizam recursos imagéticos, especialmente midiáticos, como ferramentas pedagógicas em suas aulas, muitas vezes, sem conhecer o que permeia a produção dos mesmos, realizando o que podemos denominar de pedagogização dos já proclamados recursos midiáticos. Na atuação docente, é possível constatar que as crianças, tornadas alunos, apreciam desenhos animados cujo protagonista é a personagem Chico Bento, criada pelo cartunista Maurício de Sousa (1935)³, que demonstra a vida e o homem do campo. Também nota-se que, como tal personagem representa um campesino, alguns professores das séries iniciais do Ensino Fundamental utilizam desenhos animados do mesmo para abordar conteúdos relacionados ao ambiente rural.

Valendo-se do exposto, questiona-se será que profissionais da educação têm noção do que permeia a produção de uma mídia, especificamente, um filme animado como os protagonizados por Chico Bento? Conhecemos as ideologias que permeiam a criação dessa personagem? A partir dessa problemática, objetivamos, por meio do estudo em questão, inventariar o processo de criação e difusão da personagem Chico Bento, bem como, refletir sobre os aspectos educacionais e ideológicos presentes nos desenhos animados produzidos pela Maurício de Sousa Produções, intitulados “Chico no shopping” e “Na roça é diferente”.

² O cinema de animação é tão antigo quanto o cinema fotográfico. O que evidencia o seu caráter é o fato de não utilizar cenários e atores naturais, trata-se da arte do movimento desenhado. Diversas são as modalidades do cinema de animação, tais como: a animação *stop motion*, que faz uso de modelos tridimensionais; os desenhos animados e a animação digital (D'ÉLIA, 1996).

³ Cartunista brasileiro de renome, fundador dos estúdios Maurício de Sousa Produções e criador da Turma da Mônica. Nasceu em 1935 numa pequena cidade do Estado de São Paulo, chamada Santa Isabel. Na juventude, trabalhou de repórter policial no jornal Folha da Manhã (SOUSA, 2007).

Chico Bento: O “Caipirinha” de Maurício De Sousa

A personagem Chico Bento foi criada pelo cartunista brasileiro Maurício de Sousa no ano de 1961, mas veiculada somente em 1963. Sousa (2007) se refere a essa personagem, que caracteriza o morador do campo em suas histórias, da seguinte forma: “o Chico é uma mistura das minhas vivências, quando criança no interior, e das aventuras do meu tio-avô Chico Bento” (SOUSA, 2007, p. 15). Além de seu tio-avô, também contribuiu para a constituição de Chico Bento, a avó de Maurício de Sousa, a qual lhe contava muitas histórias em sua infância e era chamada por ele de “Vó Dita”. Sousa a homenageia ao criar uma personagem também denominada “Vó Dita”, que representa a avó do Chico Bento em seus gibis e desenhos animados, uma contadora de histórias que mora na zona rural (SOUSA, 2007). O momento de criação de Chico, que segundo seu próprio criador tipifica o homem camponês, rendeu uma crônica chamada “O véio Chico”. Nela, o cartunista expressa:

Chico Bento é uma montagem de características que vi e vivi na minha infância [...] Mas definitivamente Chico Bento é mais um tio-avô meu, roceiro de Taboão (entre Mogi e Santa Isabel), que nem cheguei a conhecer pessoalmente, mas de quem conheci inúmeras histórias hilariantes, contadas pela minha avó (SOUSA, 2008).

Em princípio, Chico Bento era coadjuvante nas tiras em que protagonizavam Hirozhi, um nissei hoje chamado Hiro e Zezinho, atual Zé da Roça (ambos são integrantes da Turma da Roça, núcleo em que Chico Bento protagoniza). Aos poucos, Chico Bento foi adquirindo espaço até se tornar o protagonista dos enredos nos quais participava. Com o tempo, o “caipirinha” de Maurício de Sousa passou por diversas modificações, estéticas e comportamentais, até perdurar as características atuais. Esteticamente, quando Chico Bento foi criado, observa-se que ele era mais esguio, possuía alguns adereços, tais como: calça remendada com um cordão preso à cintura, galho de arruda atrás da orelha (para espantar o mau olhado), escapulário pendurado no pescoço (para trazer proteção divina) (PARRILLA, 2006, p. 88).

Inicialmente, as narrativas em que Chico Bento começou a protagonizar visavam ao público adulto, já que suas histórias eram publicadas em jornais. Ao longo dos anos, após uma mudança estética profunda, Chico e as outras personagens de Maurício de Sousa foram tomando

formas mais arredondadas e, justamente, harmôniosas aos olhos das crianças, que se tornaram seu principal público.

Em agosto de 1982, foi lançada a primeira revista do Chico Bento, representado como um caipira do interior, filho único, que mora com os pais em uma casa pequena, localizada em um sítio, onde seus familiares criam alguns animais e realizam agricultura de subsistência⁴. Veste calças com estampas quadriculadas e usa chapéu de palha com as pontas desfiadas. Ele anda descalço praticamente o tempo todo, excepcionalmente, quando vai se encontrar com sua namorada Rosinha, usa botinas. Chico Bento aprecia escutar as histórias de sua “Vó Dita”, namorar, cuidar dos animais do sítio, cochilar na rede, nadar sem roupas no ribeirão e roubar goiabas de seu vizinho Nhô Lau (SOUSA, 2008).

Juntamente com a revista, surgiu a Turma da Roça, outras personagens criadas para contracenarem com Chico Bento e que representam o campo nas histórias de Maurício de Sousa. O núcleo familiar é composto pelo seu pai, sua mãe Dona Cotinha e, como já foi mencionado, por sua avó “Vó Dita”, moradores e trabalhadores rurais. Também fazem parte dessa turma alguns animais típicos do meio rural, tais como: Torresmo, porco de estimação do Chico; Mimosa e Malhada, as vacas do sítio; o burro Teobaldo e a galinha Giselda. Vale destacar que Chico se relaciona de forma bastante afetiva com esses animais. Há a Rosinha, namorada do Chico Bento, uma menina bonita, decidida, sempre veste um vestido vermelho, usa um par de maria-chiquinhas nos cabelos e não costuma andar descalça. Zé Lelé, um primo do Chico, surgiu como personagem nas histórias não faz muitos anos. Hiro é um menino nissei, amigo do Chico que mantém as tradições orientais de seus descendentes, remetendo à imigração japonesa no Brasil. Nhô Lau é um fazendeiro vizinho de sítio do Chico e dono da “mais atraente” plantação de goiaba das proximidades cobiçada por Chico. Zé da Roça é amiguinho e colega de escola do Chico Bento, não fala “caipirês” (denominação dada por Maurício de Sousa à linguagem do Chico Bento e de parte das personagens da Turma da Roça). Outras personagens, com papéis coadjuvantes, compõem as histórias do Chico, como a professora Dona Marocas, o padre Lino, entre outros. A professora representa a instituição escolar e o padre, a entidade religiosa, organismos presentes na maioria das sociedades e de destaque no meio rural.

⁴ É um sistema de produção agrícola que visa a sobrevivência do agricultor e de sua família (SUA PESQUISA, 2009).

Chico é considerado preguiçoso, mesmo trabalhando diariamente na roça com seu pai, demonstrando um clichê, já instituído no Brasil, do caipira desinteressado. Essa ideia do caboclo, do caipira preguiçoso e provido de falta de interesse foi difundida por personagens anteriores a Chico Bento, e penetraram de forma marcante o imaginário social dos brasileiros.

Outros Estereótipos do Caipira Nacional

Ao observar o caipira Chico Bento em sua essência, é possível encontrar características do caboclo Jeca Tatu. Essa personagem, evidenciada no livro *Urupês*⁵ de Monteiro Lobato (1882 - 1948)⁶, representa um caboclo pobre, que residia em uma casinha de sapé localizada na mata. Sobrevivia na pobreza, juntamente com sua mulher e seus filhos, descritos como magros e desnutridos. Ele passava os dias de cócoras, desanimado, e sempre pitando cigarros de palha. No mato, caçava, pescava, retirava palmitos, mandioca, contudo, não tinha ideia de plantar nada próximo de sua casa. Várias são as aproximações entre essas duas visões do homem interiorano nacional, sejam intencionais ou não. Ambos são preguiçosos, tranquilos, não usam calçados, nascem e vivem no meio rural e representam o homem da roça, salvo, de maneira estereotipada. Maurício de Sousa se posiciona da seguinte forma a respeito das comparações entre Chico e Jeca:

Quanto às conclusões dos pesquisadores sobre semelhanças do Chico com o Jeca Tatu, fica por conta desses mesmos pesquisadores. Eu, mesmo, nunca pensei em aproximar as duas imagens. Mas essas conclusões talvez sejam provocadas pela origem dos dois personagens: Chico é uma montagem de características que vi e vivi na minha infância, nas cidades de Mogi das Cruzes e Santa Isabel. Bem na área do Vale do Paraíba. E o Jeca Tatu é um personagem criado pelo Lobato, a partir de observações que ele fazia de roceiros do mesmo Vale do Paraíba. Uma ou outra coisa em termos de hábitos, costumes, uma ou outra coisa em termos de moldura, devem ser semelhante.⁷

⁵ Monteiro Lobato lançou, no ano de 1918, a primeira edição de sua famosa obra intitulada *Urupês*, composta por quatorze contos e um artigo, encharcados de humor e denúncia. Constituída por uma narrativa envolvente e lúcida, capaz de denunciar, corajosamente, o mau uso da terra, algo tão presente no Brasil no início do século XX, essa obra polêmica, considerada um primor de construção literária, praticamente foi a responsável pela fundação da indústria editorial no Brasil, já que, anteriormente, os livros eram impressos na Europa (LOBATO GLOBO, 2008).

⁶ José Bento Renato Monteiro Lobato nasceu em Taubaté - SP, se formou em Direito, mas se destacou por ser um influente escritor da literatura brasileira. É considerado o precursor da literatura infantil no Brasil (LOBATO, 1951).

⁷ Crônica n. 269. *O velho Chico* (SOUSA, 2008).

Lançando luz ao cinema brasileiro, tem-se que, em 1961, surgiu Chico Bento e, coincidentemente ou não, bem próximo a esse período, Mazzaropi (1912 - 1981)⁸ criou o Jeca para as telas do cinema, uma releitura da personagem Jeca Tatu de Monteiro Lobato. Observe a importância do “caipira” no contexto brasileiro, a ponto de virar personagem de destaque no cinema no plano nacional, que adquiriu a simpatia do espectador e, ainda, se converteu em um determinado “protótipo do homem pobre rural” (PARRILLA, 2006, p. 121). As Produções Amácio Mazzaropi⁹ (PAM), fundadas no ano 1958, realizaram a produção de diversos filmes, tais como: **Jeca Tatu** (1959), **Tristeza do Jeca** (1961), **O Jeca e a freira** (1967), **O Jeca macumbeiro** (1975), **O Jeca contra o Capeta** (1976), **Jecão...um fofoqueiro no céu** (1977), **O Jeca e seu filho preto** (1978), **O Jeca e a égua milagrosa** (1980) (MUSEU MAZZAROPI, 2008). Essa produção cinematográfica contribuiu para reforçar a figura do “caipira” em âmbito nacional e conquistou um público de mais de três milhões de pessoas por filme, ou seja, um recorde de bilheteria no Brasil entre os anos de 1960 e 1970.

Ao pensar nos estereótipos relacionados à figura do homem do campo existentes na memória coletiva da sociedade brasileira, é possível eleger personagens que colaboraram e, ainda colaboram, para povoar o imaginário nacional acerca do que é ser “caipira”. Na literatura, encontra-se a figura do Jeca Tatu, criação de Monteiro Lobato. No cinema fotográfico, há o Jeca criado por Mazzaropi. Nos quadrinhos e nos desenhos animados, a personagem Chico Bento.

Percebe-se, certamente, que Chico Bento continua protagonizando histórias, no entanto, após as mudanças estéticas ocorridas até 1982, já se passaram 26 anos e o “caipirinha” de Maurício de Sousa não se contemporaneizou. Ora, ele ainda possui hábitos e costumes característicos do período de sua criação e continua distante dos meios tecnológicos. Apesar desse fato, o professor utiliza os desenhos animados do Chico Bento para expressar o trabalhador rural e seu ambiente, isso não seria um equívoco didático?

Aspectos Educacionais e Ideológicos que Permeiam o Chico

⁸ Amácio Mazzaropi foi um ator e cineasta brasileiro. Os filmes de Mazzaropi foram campeões de bilheteria no cinema nacional entre os anos de 1960 e 1970 (MUSEU MAZZAROPI, 2008).

⁹ No ano de 2006, Mazzaropi foi homenageado com filme “Tapete Vermelho (Brasil./ Direção: Luiz Alberto Pereira/ 2006)”, que retrata a importância dos filmes relacionados ao “caipira brasileiro” e relembra o personagem Jeca.

Pode-se afirmar, sem sombra de dúvida, que vários são os aspectos ideológicos e educacionais que permeiam as histórias encenadas pelo “caipirinha” de Maurício de Sousa. Dentre eles, destaca-se a dicotomia exacerbada estabelecida entre os ambientes rurais e urbanos. Ao observar a fala da “Turma da Roça”, uma linguagem que, no final da década de 1970, adquiriu um dialeto bem característico denominado por seu próprio criador de “caipirês”, percebe-se um elemento de diferenciação entre as personagens citadinas e as camponesas. Tal forma de linguagem é “[...] tida como elemento de distinção entre os universos urbano e rural, possibilita, por vezes, uma noção depreciativa do morador do campo quando o autor adota como padrão a língua culta, peculiar ao falar citadino” (PARILLA, 2006, p. 154).

Ao usufruir dos desenhos animados, produzidos pelos Estúdios Maurício de Sousa, “Chico no shopping” e “Na roça é diferente”, protagonizados por Chico Bento, várias questões chamam atenção. No desenho “Na roça é diferente”, Zeca, um morador da cidade, vai visitar seu primo Chico Bento. Quando ele chega à estação, logo nota-se uma grande diferença entre os dois. Zeca fala o português correto, é despojado, tem um visual bem contemporâneo, usa calça jeans, camiseta, óculos escuros e cabelo penteado. Enquanto Chico anda descalço, usa chapéu de palha desfiado e fala errado.

Os dois se dirigem para o sítio do Chico Bento de carroça, uma charrete movida pela força de um equino, a qual, por sua vez, está extremamente carregada de malas do primo da cidade. Zeca reclama e se mostra impaciente com a demora da carroça. Nessa cena, observa-se um paradoxo entre o comportamento dos dois primos, o citadino se mostra impaciente, apressado, enquanto o morador do campo se apresenta de forma calma e paciente. Eles chegam à casa do Chico, localizada em um ambiente rural, que constitui o cenário onde acontecem as histórias do Chico Bento, composto por muita natureza, rios, árvores diversificadas, céu azul e várias espécies de animais. Nesse espaço, há um vilarejo chamado “Vila Abobrinha”, no qual tudo gira em torno de uma igreja e de um estabelecimento comercial. As moradias, a mobília e os utensílios são bem rústicos, há a presença de lamparinas, pilão e fogão à lenha. O primo citadino fica horrorizado ao perceber que na casa não há luz elétrica, geladeira, telefone, computador e outros aparatos tecnológicos. Existe aqui a possibilidade de perceber que, no período em que Chico foi criado, isso até poderia ser visto com frequência, todavia, nos dias atuais, isso não é tão

comum, o que se torna incoerente, especialmente se levarmos em conta a globalização e o acesso às tecnologias de informação da atualidade, bem como a modernização do campo.

Durante o desenrolar da história, a mãe do Chico pede para os meninos buscarem as “coisas” para o almoço, Zeca questiona onde fica o mercado, Chico Bento informa que fica há léguas. Então, os dois meninos vão explorar o sítio. O primo da cidade fica surpreso ao perceber que os ovos não vêm de “caixinhas com buraquinhos”, mas sim de galinhas, estas que Chico trata com afeto para conseguir recolher seus ovos. O mesmo ocorre com o leite, que também não está pronto e embalado em caixas ou sacos plásticos como Zeca imaginava. Quando Chico vai tirar leite da vaca, trata-a com carinho, enquanto seu primo acha que, para fazer isso, é preciso “colocar fichas ou apertar botões”. Nessa cena, é destacada certa alienação do citadino, porque desconhece por completo a cultura e os costumes rurais e naturaliza certas facilidades que a sociedade contemporânea possui. Por outro lado, ressalta-se a paciência e a tranquilidade do campesino para resolver determinadas situações. No momento em que primo volta para a cidade, observa-se demasiada diferença entre os dois espaços em questão. Enquanto o campo é desprovido de recursos tecnológicos, a cidade aparece carregada destes.

Digna de olhares, a distinção estabelecida entre campo e cidade revela-se também no desenho “Chico no Shopping”. Nesse enredo, Chico Bento vai passar suas férias na casa do primo da cidade. O primo citadino deseja ir ao shopping, Chico questiona se o “Shop” é um amigo, já que ele não conhece bem os hábitos da cidade. Quando eles chegam ao shopping center, Chico Bento comenta que os homens da cidade são “burros”, visto que cobriram o lugar e colocaram luzes, não levando em conta o sol que há “lá fora”. Durante o passeio, o campesino reclama, porque teve de colocar suas botinas. Logo em seguida, se mostra apreensivo, por não saber o que é uma escada rolante, quase se machuca nela. Também não entende as placas escritas em inglês, dizendo que a “fessora ensinou tudo errado”. Ao entrar em uma loja de calçados, Chico não gosta muito da atitude de um vendedor que se oferece para calçá-lo, no entanto, aceita os calçados, imaginando ser um presente ou coisa do tipo. O vendedor chama os seguranças, Chico então devolve os calçados e fica nervoso e reclama: “que coisa feia, dá e depois toma”. Ao visualizar uma fonte, o “caipirinha” tira a roupa toda e vai se banhar, atitude natural para seus costumes rurais, porém um escândalo para as pessoas que estão à sua volta no shopping. Ele

causa o maior tumulto, contudo, não se dá conta disso e acha que o causador da confusão foi seu primo, que se “perdeu” durante o passeio.

De volta ao sítio, Chico Bento conversa com a personagem Zé da Roça, declarando que a cidade não é um bom lugar como no campo, mas que, um dia, os cidadãos “criam juízo e imitam eles”. Pelo exposto, verifica-se, mais uma vez, a dicotomia entre o ambiente rural e o urbano, bem como entre o comportamento de seus respectivos moradores.

Em alguns momentos, reforça-se a ideia da cidade como um ambiente provido de tecnologia e elementos de progresso e, ao mesmo tempo, um lugar estressante e demasiadamente movimentado. Por outro lado, o campo é apresentado como um espaço de pasmaria, já que consiste em um local onde o atraso é uma constante e, sob minha ótica, em que os habitantes são um tanto retrógrados e desprovidos de informações. Assim sendo, “a metrópole apresenta-se como espaço dicotômico em relação ao campo, [...] emergem como oposição à tranqüilidade e sossego do ‘interior’” (PARRILLA, 2006, p. 97).

Outro elemento merecedor de ênfase nas histórias do Chico Bento é a presença da escola e o fato de o mesmo ser a única personagem de destaque de Maurício de Sousa que a frequenta. A visão de aluno demonstrada por Chico, a meu ver, não é positiva, ele não é um bom aluno, não se interessa pelos estudos, sempre tira notas baixas e fala errado. Entretanto não se mostra o mesmo reprovando de ano ou sendo advertido e, ainda, ele sabe ler, escrever e fazer operações matemáticas. Todas essas características encontradas nas histórias do Chico Bento enfatizam o estereótipo do caipira ignorante, desmotivado e acabam “[...] fazendo com que seus leitores [público infantil] tenham um pré-conceito a respeito da criança do interior” (MINA, 2008).

Em suma, a respeito dos aspectos ideológicos, os desenhos que são analisados apresentam uma caracterização estereotipada dos espaços urbano e rural, realizando uma distinção exagerada de ambos. Como Chico Bento representa uma determinada cultura pouco conhecida pelas crianças do meio urbano, pode acarretar a elas uma ideia errônea a respeito das comunidades rurais. Maurício de Sousa tenta se justificar, em algumas de suas crônicas, afirmando que as histórias de seu “caipirinha” são uma forma nostálgica de reviver tempos passados de um Brasil

rural (SOUSA, 2008) ¹⁰. O criador do Chico Bento, nessa tentativa, cria um descompasso entre o seu ideal nostálgico e a forma com que as crianças podem de apropriar da noção de espaço rural.

Além das questões ideológicas, também é possível observar aspectos educacionais na personagem Chico Bento. Chico demonstra extrema adoração pela natureza e sempre se mostra cuidando desta, por exemplo, nas cenas dos desenhos animados já mencionados, quando se relaciona com os animais de seu sítio, ele os trata com carinho, respeitando suas características e seus hábitos. Nos desenhos animados em que atua, o campesino sempre se apresenta preocupado com a preservação do meio ambiente, tema constantemente tratado nas escolas.

Estas características das histórias do Chico Bento podem ser uma forma de sensibilizar os alunos, por meio dos desenhos animados, por exemplo, para temas relacionados aos cuidados com a natureza e com a valorização dos recursos naturais.

A prática pedagógica envolvendo temas que abordam o meio ambiente nas séries iniciais do Ensino Fundamental é subsidiada pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), os quais regulam os conteúdos programáticos em âmbito nacional. Alguns dos conteúdos propostos por esses parâmetros, referentes aos cuidados com o meio ambiente, são:

A valorização e a proteção das diferentes formas de vida. A valorização e o cultivo de atitudes de proteção e conservação dos ambientes e da diversidade biológica e sociocultural. O zelo pelos direitos próprios e alheios a um ambiente cuidado, limpo e saudável na escola, em casa e na comunidade. O cumprimento das responsabilidades de cidadão, com relação ao meio ambiente. O repúdio ao desperdício em suas diferentes formas (BRASIL, 1997, p. 46).

Por conta de sua constante preocupação com o meio ambiente e com a ecologia, Chico Bento atuou como garoto propaganda na campanha de defesa ao Rio São Francisco, com o apoio do IBAMA – Instituto Brasileiro do Meio Ambiente (BRASIL OESTE, 2008).

Outro tema que pode ser discutido por meio dos desenhos animados do Chico Bento é a questão da naturalização de algumas conquistas da humanidade, tais como: a energia elétrica, a água encanada, os meios de comunicação, se as histórias forem situadas no período de criação das mesmas e desmitificadas quanto aos aspectos ideológicos já ressaltados neste texto.

¹⁰Crônica n. 37. *Revivendo Chico Bento* (SOUSA, 2008).

Como se observa nos desenhos animados já apresentados, Chico Bento não possui em sua casa sistema de água, acesso à energia elétrica e a outros recursos tecnológicos que, atualmente e de forma generalizada, são considerados tão naturais, mas que, há algumas décadas, não eram tão comuns como hoje. Nesse contexto, como atua o professor? Será que possui um olhar apurado, ou seja, educado e alfabetizado em relação aos cuidados com o uso de recursos imagéticos/midiáticos em sala de aula? Consegue realizar tal uso de forma coerente e sensata, não contendo o que se poderia denominar de equívoco didático?

Considerações finais: o papel do professor nesse contexto

Conforme assegura Berger (1972, p. 11) “a vista chega antes das palavras. A criança olha e vê antes de falar”. Entretanto essa “visão” nasce espontânea e, somente com as experiências adquiridas ao longo do tempo, vai se construindo, permitindo que as pessoas visualizem as coisas conforme as suas crenças e conhecimentos adquiridos. De posse dessas informações, a meu ver, o professor precisa buscar educar seu olhar, aprender a ver, já que “o ato de ver não é coisa natural. Precisa ser aprendido” (ALVES, 2005, p. 23). A percepção de qualquer imagem que chega aos olhos das pessoas é construída pelo que se conhece ou acredita. Um olhar educado pode possibilitar ao professor desmitificar os diversos aspectos imersos nas nuances dos desenhos animados, e permitir, desse modo, a realização de uma prática pedagógica enriquecida com o uso de recursos midiáticos/imagéticos de forma sensata e coerente. Por essa via, não há o risco de deturpar a imagem que um aluno pode criar em seu imaginário do ambiente rural e das pessoas que o habitam, a partir, por exemplo, da exploração das histórias protagonizadas por Chico Bento e sua turma com o intuito de evidenciar a vida no campo.

O educar a percepção em relação à mídia é uma questão que pode ser relacionada ao que a autora Maria Isabel Orofino¹¹ (2005) denomina de “Pedagogia dos meios”, que define como uma proposta de educação tecnológica e dos meios de comunicação, “[...] enfim, como um meio coadjuvante que contribua com uma pedagogia de ampliação de vozes, de construção de visibilidade, da esperança e do re-encantamento do espaço escolar” (OROFINO, 2005, p. 30). A

¹¹ É doutora em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicação e Artes da USP. Também é educadora, jornalista e roteirista de TV, vídeo e teatro (OROFINO, 2005).

tecnologia, a mídia podem ser ótimos instrumentos pedagógicos se forem entendidos e utilizados de forma adequada para viabilizar um aprendizado coerente e significativo.

A educação do olhar permite que se tenha discernimento ao realizar um trabalho educativo, por exemplo, a partir da experimentação do cinema de animação, este que possui, além de produções permeadas por ideologias, uma gama de filmes ricos em temas geradores, em cultura, em fantasia, em criatividade e em diversos conteúdos escolares. Sob esse prisma, não se pode descaracterizar o cinema de animação como uma instância pedagógica, que também agrega valores educacionais significativos, no sentido de contribuir para a construção do imaginário e instituição de comportamentos e hábitos, servindo para “[...] possibilitar o sonho, para o exercício criativo e para a experiência de emocionar-se por meio dos elementos visuais e sonoros” (NEVES, 2007, p. 103). Também é uma forma de instigar a curiosidade, que pode gerar inquietações e a busca por percepções. Conforme salienta o educador Paulo Freire¹² (1996, p. 85) “a construção ou a produção do conhecimento do objeto implica o exercício da curiosidade”. O educador consciente, com o olhar educado em relação aos artefatos midiáticos, pode fazer do cinema de animação uma ótima ferramenta para despertar a sensibilidade e a busca pelo saber em seus educandos.

Finaliza-se este texto esclarecendo que não existe a intenção de oferecer alguma resposta pronta e acabada, talvez sugerir alguns apontamentos. O que se almeja com as análises desenvolvidas neste estudo é alertar, instigar e, acima de tudo, inquietar e gerar dúvidas nos leitores, em especial nos educadores, já que, assim como declama o educador e poeta Rubem Alves¹³, “a arte de pensar é a arte de fazer perguntas inteligentes. As perguntas que fazemos revelam o ribeirão onde queremos ir beber” (ALVES, 2008, p. 11).

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. **Educação dos sentidos e mais...** Campinas, SP: Verus, 2005.

¹² Paulo Reglus Neves Freire (1921 - 1997) – estudioso brasileiro com formação inicial em Direito e com titulação de doutor em Filosofia e História da Educação ao que se somaram quarenta e três títulos de *Doutor Honoris Causa*. Destacou-se por seu trabalho na área da educação popular. É considerado um dos pensadores mais notáveis na história da pedagogia mundial (GADOTTI, 2009).

¹³ Nasceu em Minas Gerais no ano de 1933. É doutor em Filosofia e Professor Emérito da Unicamp (ALVES, 2008).

ALVES, Rubem. **O melhor de Rubem Alves**. In: LAGO, Samuel Ramos. (org). Curitiba: Editora Nossa Cultura, 2008.

BERGER, John; BLOMBER, Sven; FOX, Chris; DIBB, Michael; HOLLIS, Richard. **Modos de ver**. São Paulo: Martins Fontes, 1972.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: história, geografia**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL OESTE. **Chico Bento em defesa do São Francisco**. Disponível em: <www.brasiloste.com.br/noticia/373/> Acesso em: 09 jun. 2009.

CHICO no shopping. In: **As aventuras da Turma da Mônica: Bicho-Papão e outras histórias**. Direção: Maurício de Sousa. Produzido por Maurício de Sousa Produções & Paramount Pictures. Brasil: 1998-1999. 1 DVD 57 min.

CÓRIO, Maria de Lourdes Del Fáveri. **O personagem “Chico Bento”, suas ações e seu contexto: Um elo entre e tradição e a Modernidade**. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Estudos em Linguagem) Universidade de Marília, Marília-SP, 2006.

D’ÉLIA, Céu. Animação, Técnica e Expressão. In: FALCÃO, Antônio Rebouças et al. **Coletânea lições com cinema: animação**. Cristina Bruzzo, coordenadora. – São Paulo: FDE, Diretoria de Projetos Especiais/Diretoria Técnica, 1996. p. 143-175.

FERREIRA, Aurélio de Holanda. **Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa**. São Paulo: Nova Fronteira, 1988.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 45. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GADOTTI, Moacir. **Paulo Freire: pequena biografia**. Disponível em: <http://www.paulofreire.org/twiki/pub/Crpf/CrpfAcervo000031/Vida_Biografias_Pequena_Biografia_v1.pdf> Acesso em: 05 de jul. 2009.

LOBATO, Monteiro. **Jeca Tatuzinho**. Disponível em: <http://lobato.globo.com/misc_jeca.asp> Acesso em: 10 jun. 2008.

LOBATO GLOBO. **Biografia**. Disponível em: <http://lobato.globo.com/lobato_Biografia.asp> Acesso em: 15 jun. 2008.

LOBATO, José Bento Monteiro. **Urupês**. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1951.

MINA, Sandra Regina Nóia. **CHICO BENTO: das histórias em quadrinhos para a vida**. Disponível em: <http://www.amigosdolivro.com.br/lermais_materias.php?cd_materias=3236>. Acesso em: 24 maio 2008.

MUSEU MAZZAROPI. **Minha história**. Disponível em: <<http://www.museumazzaropi.com.br/hist.htm>> Acesso em: 12 jun. 2008.

NA ROÇA é diferente *In: As aventuras da Turma da Mônica: Bicho-Papão e outras histórias*. Direção: Maurício de Sousa. Produzido por Maurício de Sousa Produções & Paramount Pictures. Brasil: 2004. 1 DVD 57 min.

NEVES, Fátima Maria. Filmes e desenhos animados para o ensino fundamental: Kiriku e a Feiticeira. *In: RODRIGUÊS, Elaine; ROSIN, Sheila Maria. (Org.). Infância e Práticas Educativas*. Maringá-PR: Eduem, 2007. p. 101-112.

NEVES, Fátima Maria; MEN, Liliana Men; BENTO, Franciele. O desenho animado na escola: A Bela e a Fera. *In: RODRIGUÊS, Elaine; ROSIN, Sheila Maria. (Org.). Pesquisa em Educação: A diversidade do campo*. Curitiba-PR: Juruá, 2008. p. 41-56.

OROFINO, Maria Isabel. **Mídias e mediação escolar: pedagogia dos meios, participação e visibilidade**. São Paulo: Cortez – Instituto Paulo Freire, 2005.

PARRILLA, Franciele Aline. **Chico Bento, um caipira do campo ou da cidade?: a representação do espaço rural e urbano e de seus habitantes na revista em quadrinhos do Chico Bento (1982-2000)**, Dissertação (Mestrado em História) Faculdade de Ciências e Letras de Assis –Universidade Estadual Paulista. Assis - SP, 2006.

SCARELI, Giovana. **Educação e histórias em quadrinhos: a natureza na produção de Maurício de Sousa**. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Estadual de Campinas. Campinas - SP, 2003.

SOUSA, Maurício de. **Maurício de Sousa: Biografia em quadrinhos**. Barueri, SP: Panini, 2007.

SOUSA, Maurício de. Crônicas. *In: Maurício de Sousa Produções Artísticas*. Disponível em: <www.monica.com.br> Acesso em: 15 jul. 2008.

SOUSA, Maurício de. **Saiba mais! Sobre o Maurício de Sousa e a Turma da Mônica**. Barueri, SP: Panini, 2007.

SUA PESQUISA. **Agricultura de subsistência.** Disponível em:
<http://www.suapesquisa.com/o_que_e/agricultura_subsistencia.htm > Acesso em: 30 maio 2009.